

# **Iluminismo, igreja e missão**

---

*por Rafael Zulato Langraff*

## **Iluminismo, igreja e missão**

### **As características do iluminismo, suas consequências com relação a missão e a igreja, e as contestações necessárias pelo novo paradigma emergente.**

Rafael Zulato Langraff <sup>1</sup>

Este é o quarto texto de uma série de reflexões acerca do livro “Missão transformadora – mudanças de paradigma na teologia da missão” de David J. Bosch. O presente artigo se propõe a analisar diversas seções do livro onde Bosch apresenta as características do Iluminismo, as influências e consequências para a igreja e a missão e, por fim, discute algumas atitudes necessárias para contestar tais características. O objetivo deste artigo é unificar as seções do livro de David Bosch, colocando em paralelo cada uma das características com suas influências na igreja e na missão, bem como as contestações necessárias por parte do novo paradigma emergente da missão, facilitando assim a reflexão acerca do tema.

### **Introdução**

A postura da igreja sofreu diversas modificações ao longo dos séculos. Tais mudanças demonstram a impossibilidade de a igreja passar ilesa pelas alterações que deformaram a estrutura de autoridade aceita. A cosmologia medieval possuía uma estrutura de autoridade onde Deus estava no patamar mais alto, acima da igreja que, por sua vez, era seguida pelos reis e nobres, depois o povo e, por último, por animais, plantas e objetos. Durante o renascimento, a autoridade da igreja foi contestada e seguida pela desconstrução modernista da autoridade de reis e nobres. No período final do modernismo e já na pós-modernidade, outra mudança foi feita na base dessa estrutura, colocando animais, plantas e objetos acima do povo através de uma filosofia pautada em prazeres, consumo e na desconstrução do homem comparado a como era retratado pelo cristianismo medieval, tornando-o apenas uma parte da evolução natural. Toda esta inversão, que traz ainda consigo a exclusão de Deus pelo iluminismo científico-naturalista da estrutura de autoridade supracitada,

---

<sup>1</sup> Escritor, professor e músico, formado em teologia, filosofia e sociologia. Educador cristão na Igreja Batista em Jd. Mauá, coordenador acadêmico do Seminário Teológico Batista do Grande ABC, escritor regular do instituto para reflexões missiológicas Matureo e integrante do grupo Álef trio. Contato: [rafael.langraff@gmail.com](mailto:rafael.langraff@gmail.com)

sintetiza – mesmo que de modo muito superficial – a enorme diferença entre a cosmovisão medieval e a cosmovisão da cultura geral do mundo contemporâneo.

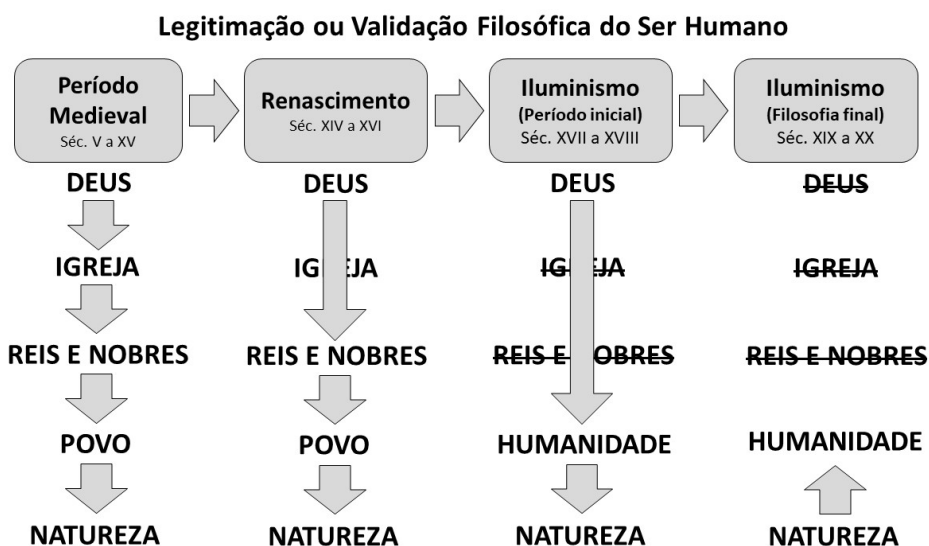


Ilustração com base no modelo proposto por Bosch, p.321

Em muitos aspectos, a igreja tem mantido características das missões praticadas desde o período medieval, contudo, “todo o movimento missionário ocidental dos últimos três séculos emergiu da matriz do iluminismo”.<sup>2</sup> Podemos verificar ao menos dois importantes pontos que torna relevante um estudo acerca das características do iluminismo: primeiro, para observar quais características influenciaram a igreja e não fazem parte de sua natureza, necessitando assim de uma contestação. Em segundo lugar, para observarmos as mudanças na cosmovisão do mundo contemporâneo, para que a igreja adote um novo paradigma de missão que seja relevante a uma sociedade extremamente influenciada pelo iluminismo.

Correndo risco de uma simplificação excessiva, Bosch lista sete características do paradigma iluminista. Cada uma destas características não deve ser estudada isoladamente sem considerar as demais, e, de fato, é perceptível o quanto os temas estão interligados ao ponto de a ordem em que se apresentam não representar necessariamente uma hierarquia ou continuidade. No entanto, separá-las ajudará, em linhas gerais, a identificar suas raízes implantadas na igreja e as contestações – ou reflexões – necessárias a cada uma.

<sup>2</sup> BOSCH, p.414

## Características do paradigma iluminista e as contestações necessárias

### 1. A centralidade da razão

Durante muito tempo, espiritualidade e racionalidade andaram juntas. Na patrística – os primeiros séculos da era cristã –, por exemplo, a fé era considerada o raciocinar da mente religiosa. Porém, a epistemologia de Kant acerca dos dois reinos do conhecimento <sup>3</sup> não apenas separou a fé da razão, como suplantou a fé sob a razão. Os seres humanos ainda tinham fé, mas agora em si mesmos e em sua razão. O resultado foi uma sociedade plenamente antropocêntrica, onde não há espaço para Deus e, conseqüentemente, a religião perece. Ao menos essa era a expectativa do discurso iluminista.

A resposta da igreja se deu em diversas posturas que aderiram, de uma forma ou de outra, a aspectos da filosofia iluministas. Uma primeira – proposta principalmente pela teologia liberal – aderiu aos pressupostos de Kant e separou em definitivo a religião da razão, situando-a no sentimento e na experiência humana. Outra postura assumida como resposta privatizou a religião relegando-a à esfera pessoal e abandonando os espaços públicos à laicidade. <sup>4</sup> Uma terceira resposta declarava a própria teologia como uma ciência: “a ciência de Deus” ou, na melhor das hipóteses, como “a ciência das ciências” ou “a maior das ciências”. Outros tentaram ainda responder discursando a favor de uma “sociedade religiosa”, tornando o cristianismo a religião oficial do Estado onde o governo e a população teriam de aderir involuntariamente aos princípios religiosos. Uma quinta resposta buscou adaptar a religião cristã à sociedade secular, assimilando a supremacia da razão e compreendendo a sociedade como uma evolução do conhecimento humano que permite a emancipação da religião em uma espécie de releitura do deísmo.

Durante o século 20, as cinco modalidades de respostas supracitadas foram experimentadas na forma de um cristianismo defensivo ou reativo às teorias modernas

---

<sup>3</sup> Leia mais acerca da Epistemologia kantiana e suas implicações à Missão em outro artigo do mesmo autor: <https://www.martureo.com.br/?s=Reflex%C3%A3o+crist%C3%A3+acerca+da+epistemologia+de+Immanuel+Kant+e+suas+implica%C3%A7%C3%B5es+para+o+testemunho+crist%C3%A3o>

<sup>4</sup> Leia um debate acerca deste tema no artigo “As metanarrativas racionalista-humanista e bíblica - conflito entre religiões?”, do mesmo autor: <https://www.martureo.com.br/?s=As+metanarrativas+racionalista-humanista+e+b%C3%ADblica%3A+conflito+entre+religi%C3%B5es%3F>

e, de algum modo, tais modelos de postura ainda fazem parte do pensamento e prática missionária. Como resultado, o racionalismo iluminista influenciou também as motivações missionárias modernas. Por um lado, a concepção do ser humano como “criatura da razão” gerou uma antropologia muito mais otimista do que a perspectiva sombria predominante no catolicismo medieval e na reforma protestante. Por outro lado, adotou-se um sentimento de superioridade da racionalidade ocidental em relação a outros povos.

Em todas as cinco abordagens acima há uma impressão por parte da igreja de que a religião está em perigo e necessita rechaçar o ataque da razão ou se aliar a ela. Claramente trata-se da adesão ao discurso iluminista acerca da extinção das religiões por meio da racionalidade. No entanto, o que se pode observar é o oposto: o cristianismo – assim como outras religiões – têm crescido vigorosamente. Duas possíveis explicações podem ser apresentadas. A primeira consiste no fato de que o racionalismo moderno não responde às ansiedades da existência humana e resulta numa “fuga para as religiões”. Em segundo, o racionalismo iluminista apresentou-se como inadequado para estabelecimento de uma sociedade, o que pôde se constatar com as duas Grandes Guerras e suas consequências econômicas, políticas e sociais na segunda metade do século.

Ao invés de contestar o poder crítico iluminista, Bosch recomenda rejeitar o seu reducionismo e buscar a expansão do racionalismo. A proposta é de que haja a aceitação por parte dos dois lados de que ciência e religião são codependentes e precisam ampliar suas fronteiras ao ponto de conviver em plena harmonia uma com a outra. Para que isso seja possível, por um lado, a teologia deve admitir que grande parte do seu exercício consiste em sondar a verdade e não em prová-la.

Não estou, pois, sugerindo o abandono da racionalidade. Precisamos recolher o melhor da ciência moderna, da filosofia, da crítica literária, do método histórico e da análise social, e refletir e repensar constantemente nossa compreensão teológica à luz dela.<sup>5</sup>

Por outro lado, o cientificismo deve observar que “sem o elemento religioso, a vida é uma máquina funcionando sem óleo”.<sup>6</sup> A fé é inerente aos homens, é inútil tentar

---

<sup>5</sup> BOSCH, p.424

<sup>6</sup> Ibidem

dissolver o aspecto religioso da sociedade. Uma vez que se retira a fé em Deus, o seu lugar é naturalmente substituído pela idolatria a outros deuses, sejam ideologias, tecnologias ou a própria razão.

Esta proposta de ampliação da racionalidade, encontra um desafio especial na igreja no fato de que a “religião autêntica põe em perigo a cosmovisão emergente, assim como fez em relação a todas as anteriores”.<sup>7</sup> A fé cristã sempre encarou como inimigo tudo que é oposto à vida. Ela deposita sua fé em Deus na mesma medida em que refuta antideuses, investe suas forças a favor das vítimas da sociedade na mesma medida que conclama ao arrependimento os que perpetram a injustiça. Assim, mesmo que no campo teórico possa se dizer que há a possibilidade da reconciliação entre espiritualidade e racionalidade, esta passa pelo conflito indissociável da fé cristã com o cientificismo racionalista.<sup>8</sup>

## 2. A relação sujeito-objeto

Do ponto de vista objetivo da ciência, o ser humano foi separado de seu ambiente e posto como aquele que pode examinar o mundo animal e mineral de fora. A humanidade racional passou a ser vista como parte independentemente do restante da criação, podendo manipular e dividir todo o mundo material em partes investigáveis. Não demorou para a própria humanidade tornar-se o objeto de estudo podendo, igualmente, ser analisada de uma série de perspectivas como seres pensantes (filosofia), seres sociais (sociologia e antropologia), seres religiosos (ciência da religião), seres físicos (biologia, fisiologia, anatomia e afins) etc.

O que seguiu foi a sensação de superioridade adquirida pelo homem que passou a acreditar na possibilidade de controlar todo o universo observável desde as forças naturais até as consequências sociais. O homem moderno passou a ver a si mesmo como o único em toda história da humanidade retentor de um conhecimento superior

---

<sup>7</sup> Idem p.425

<sup>8</sup> Leia mais acerca do tema no artigo “Integração entre religião e ciência por meio da investigação das bases evidenciais” do mesmo autor:

<https://www.martureo.com.br/?s=Integra%C3%A7%C3%A3o+entre+religi%C3%A3o+e+ci%C3%A4ncia+por+meio+da+investiga%C3%A7%C3%A3o+das+bases+evidenciais>

e, o passado passou a ser visto como uma mera preparação ou até um empecilho para o presente estado de evolução.

Na medida que os estudiosos criavam um abismo entre o passado e o moderno, a própria bíblia passou a fazer parte deste passado distante. A fim de rebater a crítica literária moderna e buscando proteger o ensino puro das escrituras, muitos esforços foram feitos pela ortodoxia cristã, principalmente, por meio da afirmação da inerrância da bíblia. No entanto, a aceitação dos pressupostos do historicismo moderno trouxe consequências: o pietismo individualizou a Palavra, o idealismo racionalizou-a e o liberalismo a relativizou como meramente histórica. Da mesma forma em que o homem moderno observava o mundo de modo objetivo sem se considerar parte do todo, os estudiosos passaram a examinar o texto bíblico sem necessariamente serem examinados pelo texto.

A posição do homem moderno em relação a natureza trouxe ainda outras consequências desastrosas. Ao mesmo tempo que o homem buscava sua emancipação, viu-se gradativamente substituído e, em seguida, escravizado pela tecnologia que ele próprio desenvolveu. Toda manipulação resultou em danos à natureza em uma crise ecológica jamais observada. Pela primeira vez o homem possui, através da energia atômica, o poder de erradicar a si mesmo do mundo.

Faz-se necessário uma reorientação completa do homem como parte não despreendida do todo. A bíblia deve assumir o seu posto de instrumento de Deus para analisar a humanidade propondo uma visão holística e rompendo as divisões entre mente e corpo, sujeito e objeto e, evidenciando o reinado de Deus que rompe com o sistema fechado de mundo proposto pelo iluminismo, onde a criação e outros seres humanos consistem em meros objetos manipuláveis e exploráveis.

### *3. A eliminação do propósito da ciência*

Com a reorientação da ciência para um sentido estritamente causal, a perspectiva teleológica, antes essencial aos antigos, foi perdida. Perguntas como “por quem?” e “para quê?” foram abandonadas pelos modernos não podendo mais ser respondidas. O universo foi reduzido a um mecanismo previsível pela ciência, que tende cada vez mais ser determinista, através da convicção de que leis matemáticas imutáveis garantem o resultado esperado. A vida não possui mais sentido ou propósito,

consistindo em meros processos biológicos e sociológicos. Segue que a humanidade substituiu gradativamente a confiança em Deus pelo planejamento pessoal. Não há mais espaço para o sobrenatural onde o racionalismo humano tende a ser autossuficiente.

No entanto, como consequência da decepção em relação à narrativa moderna observada principalmente na primeira metade do século 20, surgiu uma nova busca pelo significado da existência. A busca por propósito e esperança alimentou a pós-modernidade, em um despertar pela visão de liberdade humana que rompe com o sistema de causa e efeito. Este cenário confere grande oportunidade e relevância à missão da igreja que, por meio da metanarrativa cristã, traz de volta à humanidade os sentidos de origem, finalidade, arrependimento, conversão e responsabilidade.

#### *4. A crença no progresso*

Este pode ser o ponto em que as influências do modernismo na base da missão cristã pós-iluminista são mais facilmente evidenciadas. O cerne do discurso iluminista defendia o progresso e a esperança em um futuro próspero onde a humanidade, servida de todo conhecimento, descobertas e desenvolvimento tecnológicos, seria livre de infortúnios.

Da mesma forma, o cristianismo aderiu ao discurso de alcançar o mundo com a pregação do evangelho, fundamentado na esperança de que o reino de Deus se estabeleceria à medida que o conhecimento de Cristo alcançasse toda a humanidade. Isso se traduziu, em grande parte, em investimentos na educação cristã, por meio da construção de escolas, bibliotecas e da disseminação de literatura cristã.

No entanto, a distribuição dos recursos adquiridos no desenvolvimento tecnológico passou muito distante de um equilíbrio honesto, o qual gradativamente favoreceu o desenvolvimento do norte-global em detrimento do sul-global explorado como fonte inesgotável de matéria prima e mão de obra. A má distribuição das riquezas resultou em uma crise social e econômica onde abre-se um abismo entre o pobre que empobrece cada vez mais e os ricos que enriquecem exponencialmente. Problemas sociais são evidenciados no terceiro mundo com o aumento da fome, da criminalidade, da corrupção e da crise na saúde pública.



O desequilíbrio também foi evidente na missão, onde os países do norte-global mantiveram a liderança no envio de missionários ao sul-global por décadas, contudo, muitas vezes, dirigidos pela noção de *destino manifesto* e uma postura *colonizadora* que impunha sua cultura aos demais povos sob o pretexto de que o Ocidente tinha a missão divina de disseminar sua verdade através da civilização ocidental.

É correto afirmar que este cenário tem mudado nos últimos anos. Países do sul-global agora enviam mais missionários do que os países do norte-global, teologias são desenvolvidas para responder as ansiedades do terceiro mundo e a cultura ocidental, antes defendida como puramente cristã, tem sido questionada por seus aspectos pagãos e suas raízes iluministas. Mais esforços neste sentido precisam ser feitos com o objetivo de questionar o modelo de justiça do mundo, expor o pecado da idolatria pelas ideologias e promover a contextualização do evangelho de Cristo de forma fiel levando em conta os dilemas do mundo em suas diversas estruturas sociais e econômicas.

##### 5. A distinção entre fatos e valores

Outro aspecto fundamental do paradigma iluminista é a distinção que se faz entre o conhecimento científico e as crenças. O argumento consiste em provar que os fatos são neutros em relação aos valores e que, por sua vez, o conhecimento é verdadeiro ou não em sua relação aos fatos. Se algo é factual, logo a verdade está intrínseca, o que o torna isento de valores. Valores, segundo a filosofia iluministas, são preferências e, portanto, desprovidas de verdade factual. Segue-se, por exemplo, que se ensina a aceitar os pressupostos da física e da matemática como verdades, mas deve-se escolher a religião que mais lhe agrada. Aquelas relacionam-se ao real e factual, enquanto esta se ocupa em descrever crenças e valores.<sup>9</sup>

Neste ponto o pragmatismo ético encontrou solo fértil para se desenvolver. No modelo ético onde os fins justificam os meios – como proposto anteriormente por

---

<sup>9</sup> leia mais acerca da distinção do conhecimento em dois reinos e suas implicações à missão em outro artigo do mesmo autor já recomendado em nota acima:  
<https://www.martureo.com.br/?s=Reflex%C3%A3o+cris%C3%A3+acerca+da+epistemologia+de+Immanuel+Kant+e+suas+implica%C3%A7%C3%B5es+para+o+testemunho+cris%C3%A3o>

Maquiavel<sup>10</sup> – a moral é desprovida de valor de verdade e revestida de um objetivo prático. Na ética utilitarista proposta pelos filósofos modernos, as ações são planejadas objetivando resultados, e este exercício deve ser alicerçado sobre fatos e não preferências ou crenças.

A proposta de separação entre crença e conhecimento é falaciosa, pois elas não são excludentes, mas codependentes. Um bom exemplo é o caso das ideologias modernas que surgem no período iluminista pautadas nas ciências sociais como substitutas ao modelo cristão. As ideologias fornecem uma resposta soteriológica aos problemas sociais pautadas na ciência e, portanto, nos fatos. Todas as ideologias possuem então um discurso alicerçado sobre a metanarrativa iluminista do progresso, da emancipação do homem racional e da separação entre o que é fato e o que são valores. Contudo,

a despeito (ou, talvez, por causa de) sua alegada base científica, as ideologias funcionam, contudo, para todos os efeitos práticos, como religiões. Mais exatamente, elas são religiões *ersatz* – substitutas da religião – e tendem a assumir formas explicitamente religiosas e até mesmo rituais. Elas são, segundo Raymond Aron, “o ópio dos intelectuais”.<sup>11</sup>

O cristianismo respondeu de duas maneiras, mas em ambos os casos adotou os pressupostos iluministas de distinção entre o conhecimento científico verdadeiro e as crenças e valores religiosos. O primeiro consistiu apenas em inverter as classificações e identificar o cristianismo como conhecimento de fato. Para estes, a bíblia descreve a verdade e pode ser compreendida sem ajuda externa. O resultado desta concepção é a falsa expectativa de isolamento da teologia em relação as ciências. Vale ressaltar que boa parte do labor teológico se serve de matérias como história, arqueologia e linguística. Em segundo, encontram-se aqueles que aceitaram a classificação da religião como algo do campo espiritual distinto do mundo físico averiguável, e seguindo o modelo platônico, atribuíram grau de superioridade ao espiritual e eterno em detrimento do mundo natural. Como resultado, surgiu uma missiologia que ignora

---

<sup>10</sup> Nicolau Maquiavel, 1469-1527. Seu principal escrito é o livro “O Príncipe”, no qual ele discorre sobre a conduta ideal para um líder político e, para tal, defende a necessidade de separação entre moral, política e religião.

<sup>11</sup> BOSCH, p.431

os problemas deste mundo, rejeitam o evangelho social e focam apenas na salvação de almas para o mundo vindouro.

O equilíbrio necessário para missiologia no novo paradigma emergente passa pela ampliação da racionalidade proposta no primeiro tópico deste artigo e culmina na convergência entre o conhecimento factual e os valores por meio do resgate da cosmovisão cristã.

## *6. A solução de todos os problemas*

No paradigma iluminista, acreditava-se que todos os problemas eram solucionáveis e que aqueles que ainda não haviam encontrado respostas simplesmente careciam do conhecimento completo ao qual a humanidade estava se encaminhando. As teorias que levavam em consideração o sobrenaturalismo eram descritas como “Deus das lacunas”, isto é, respostas provisórias às perguntas que ainda não se tem o conhecimento verdadeiro. Este ponto está intimamente ligado ao discurso do progresso e ao racionalismo. O pensamento positivista afirmava que a humanidade passava por uma era de trevas, guiada pela teologia, filosofia e metafísica para, então, encontrar o ápice na ciência positivista. A sociedade encontraria cura para as doenças, resposta para os dilemas sociais e uma era de prosperidade definitiva.

Não obstante, a ideia de uma solução para todos os problemas está intrinsecamente ligada às bases de todas as instituições missionárias. A narrativa fundadora destas instituições prega a solução dos problemas por meio da implantação de igrejas e, muitas vezes, da transmissão da cultura ocidental para outros povos.

De fato, as expectativas de prosperidade iluministas desmoronaram ao longo do século 20, gerando uma nova busca por respostas e esperança, além de uma desconstrução do conceito de verdade factual promovida pela pós-modernidade. Dito isso, devemos ter em vista que o cristianismo não precisa aderir a narrativa pessimista pós-moderna nem tão pouco apegar-se a falsa esperança de uma solução para todos os problemas do mundo exclusivamente por meio dos esforços missionários. A mensagem do evangelho deve ser como um raio de luz no meio à densas trevas, servindo como esperança escatológica e promovendo a cura gradual dos males, expondo injustiças, apresentando a solução proposta pelo evangelho e se apegando às promessas e à fé no poder de Deus. Tudo isso sem se iludir com a expectativa de

solução imediata às questões fora de nosso alcance, tão pouco enterrando-se no solo do pessimismo, abandonando qualquer esforço para solucionar os dilemas de nossa existência.

### 7. A emancipação dos indivíduos como seres autônomos

Por último, mas não menos importante, está a noção iluminista de que os seres humanos são indivíduos emancipados e autônomos. A liberdade individual suplantou a comunidade. O ser humano passou a ser completamente autônomo, o que resultou na busca constante pela satisfação individual a despeito do próximo ou do todo. Gradativamente, ao dar ênfase à liberdade humana, estes passaram a se emancipar não somente da comunidade, mas de um controle superior divino. Por conseguinte, as igrejas passaram a ser periféricas em relação aos indivíduos, uma vez que estes tornavam-se livres, retentores do direito e da capacidade de conhecer a vontade de Deus independentes da comunidade cristã e decidirem por conta própria em que acreditar ou não.

Paradoxalmente, quanto mais livres os indivíduos se tornam, mais eles perdem valor em relação ao todo, pois a liberdade de um implica na restrição dos demais. Como resultado, os seres humanos foram reduzidos na relação com a natureza e o individualismo resultou na possibilidade de substituição do outro pela máquina, tecnologia ou até mesmo por animais – algo que se observa, por exemplo, nos relacionamentos pós-modernos. A autossatisfação consumista e a autossuficiência ontológica culminaram no niilismo existencial.<sup>12</sup>

Dois ações são necessárias para romper com as consequências do individualismo iluminista. Primeiro, a consciência de que a convicção e o compromisso são indispensáveis. Não se pode simplesmente discursar a favor da tolerância sem um compromisso com a verdade que questiona a postura do outro. Não podemos privar a comunidade de ambiguidades em favor de uma aceitação vazia da autonomia individual. Segundo, precisamos recuperar a proximidade entendendo que o indivíduo existe em relação ao outro e necessita do todo. O “eu” precisa ser substituído pelo

---

<sup>12</sup> Com raiz no termo latim *nihil*, que significa vazio, nada. o niilismo não deve ser encarado como uma filosofia e tão pouco como uma cosmovisão, mas como um sentimento de constatação do vazio resultante da cosmovisão naturalista ateísta. (SIRE, James W. O universo ao lado. 5ª edição. Brasília: Ed. Monergismo, 2018, p.105)

“nós”, a igreja precisa redescobrir o significado de corpo de Cristo e a missão cristã precisa reconhecer seu valor como parte de uma comunidade de pessoas que compartilham um ideal comum.

## Palavras finais

Iniciamos este artigo com a afirmação de que “todo o movimento missionário ocidental dos últimos três séculos emergiu da matriz do iluminismo”.<sup>13</sup> Isso é resultado do “entrelaçamento do evangelho cristão com a cultura ocidental”, pois, “o evangelho sempre se apresenta às pessoas revestido culturalmente. Não existe um evangelho puro, isolado da cultura.”<sup>14</sup>

É relevante ao tema as palavras do próprio Jesus em sua oração descrita por João quando, ao rogar pelos seus discípulos ao Pai, Ele afirma:

Eu lhes dei a tua palavra e o mundo os odiou, pois não são do mundo, assim como eu também não sou. Não rogo que os tires do mundo, mas que os guardes do maligno. Eles não são do mundo, assim como eu também não sou. Santifica-os na verdade, a tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, eu também os enviei ao mundo.  
(João 17.14-18)

Algumas breves considerações: Jesus afirma que tanto Ele quanto seus discípulos não são *do* mundo (ἐκ τοῦ κόσμου), isto é, não agem a partir do que é deste mundo, mas buscam a santificação – separação – *inseridos na* verdade (ἐν ἀληθείᾳ) que é a Palavra. Somos enviados *ao* mundo (εἰς τὸν κόσμον) – em direção ao mundo – assim como Jesus o foi pelo Pai. Deste modo, somos participantes da missão de Deus, dando continuidade à missão de Cristo como corpo, não devendo ser assimilados por este mundo, mas sim, atuantes e, conseqüentemente, relevantes para ele.

## Base bibliográfica para todas as citações:

BOSCH, David J. *Missão transformadora – mudanças de paradigma na teologia da missão*; Ed. Sinodal, 5ª ed. São Leopoldo/RS, 2021

---

<sup>13</sup> BOSCH, p.414

<sup>14</sup> Idem, p.360